



cinema baiano

Acervo Digital

Walter
da Silveira

**PROGRAMA
HOMENAGEM
AO
CINEMA
BAIANO**

**filmes :
FESTIVAL DE ARRAIAS
(Curta-metragem)
direção de REX SCHINDLER**

**TOCAIA NO ASFALTO
direção de ROBERTO PIRES**

**mesa-redonda :
presença do produtor REX
SCHINDLER e do crítico
WALTER DA SILVEIRA**

**organizado pelo
CLUBE DE CINEMA DE SANTOS
em colaboração com o
CENTRO DOS CINE-CLUBES**

**fevereiro
1963**

um dia na rampa



Acervo Digital

Walter da Silveira

Patrocínio da
COMISSÃO MUNICIPAL DE CULTURA

8

"O cinema brasileiro não vinha sendo um cinema nacional. Limitava-se a um cinema carioca e a um cinema paulista. E nenhum dos dois interpretava a cultura brasileira. Ambos viviam — e vivem ainda — numa tendência desnacionalizante. Enquanto o cinema paulista, por descrever das possibilidades do homem brasileiro como valor filmico, transfere suas estórias e personagens para uma dramaturgia mediocre de estilo europeu ou americano, o cinema, por desacreditar das possibilidades do homem brasileiro como valor de espetáculo, reduz suas intrigas e tipos a um submundo de iletrados. O período de conhecimento e de afirmação da nacionalidade que o Brasil tem vivido todos esses anos não chegou nem a um nem a outro. A alienação é o seu caráter, em formas só aparentemente antagônicas. Mas quando certos cineastas, sem percebê-lo, pretendem fiilar-se lealmente ao Brasil. "O Cangaceiro" foi preniado na Europa como filme de aventuras: faltou-lhe a realidade social que erguesse o fenômeno coletivo do cangaço a uma estatura de drama nacional. Em "Rio, 40 Graus", a pesquisa artística da humanidade urbana teria atingido uma representação total se o pitoresco do Rio de Janeiro aparecesse menos do que o seu típico e não se concedesse uma poetização gratuita a uma existência tragicamente sem poesia. "Cara de Fogo", de Galileu Garcia, "A Morte Comanda o Gangão", de Carlos Coimbra, e "Mandacaré Vermelho" também de Nelson Pereira dos Santos, trouxeram um paisagístico quase correspondente no cinema ao do romance de José de Alencar na literatura. Em todos, porém, ao que parece muito voluntariamente, reviveu-se o passado, num romantismo ingênuo sem qualquer repercussão na problemática presente. Sempre uma atrofia da coragem do contemporâneo deteve o impulso criador de todos esses realizadores cinematográficos.

"A Grande Feira", estabelecendo as bases de um cinema brasileiro fora do Rio e de São Paulo, inaugura mais do que o cinema baiano, do que uma outra etapa em nossa história, de um ponto de vista simplesmente geográfico: tem a audácia de fundar um cinema absolutamente contemporâneo, característico da nacionalidade".

7

WALTER DA SILVEIRA

"O problema está colocado da seguinte maneira: talvez como em nenhuma outra província brasileira, na Bahia o interesse pela realização cinematográfica cresceu paralelamente ao trabalho de divulgação da cine-cultura do Clube de Cinema da Bahia, orientado pelo crítico Walter da Silveira. Já em 1957 um grupo de jovens, esquecendo-se de vez os bate-papos de cinemateca, lançava-se à rua na romântica campanha para realização do "primeiro filme baiano". A campanha fracassou. Mas já então algumas vocações para o cinema tinham aparecido e, unidas, lançaram-se à produção de alguns curtas-metragens que, embora deficientes, revelaram a disponibilidade de trabalho necessária para se criar, de uma hora para outra, junto ao governo, ao público e à imprensa, o mais simpático e favorável clima ao cinema brasileiro. Na Bahia, nem talvez mesmo em São Paulo, o nosso cinema goza de um prestígio fantástico. A imprensa mantém espaços imensos dedicados exclusivamente aos problemas do filme brasileiro e já providências de apoio oficial estão sendo tomadas, visando proteger filmes realizados no Estado".

GLAUBER ROCHA

tocaia no asfalto





a grande feira

"Como afirma Glauber Rocha em entrevista concedida a um jornal baiano, até agora o cinema era um movimento informe e sem sentido. É justamente no momento histórico de crise total, com a subchanchada dominando os planos das grandes companhias, com o peso do fracasso da Vera Cruz e com os cineastas "sérios" complexados pela forma, que surge, em diversas partes do país, uma geração disposta a romper barreiras e atacar, de frente, tanto os problemas de produção, como os de realização. Em Nelson Pereira dos Santos está a origem inconsciente desta posição lúcida e ativa. Na Paraíba, Linduarte Noronha faz, com dificuldade, o documentário curta-metragem "Aruanda". No Rio surge um grupo compacto, mesmo que dissociativo em alguns pontos: Paulo Cesar Sarraceni ("Arraial do Cabo"), Joaquim Pedro ("Couro de Gato"), Paulo Perdigão, Carlos Diegues ("Domingo"), Mário Carneiro, o crítico Ely Azerêdo. Também em São Paulo, um grupo de que temos notícias apenas, sem nenhum contacto. E, finalmente, na Bahia, com Glauber Rocha (experimental "O Pátio" e "Barravento"), Roberto Pires ("Redenção", sem muita importância, e "A Grande Feira"). O movimento foi denominado Cinema Novo e, com este rótulo, está revolucionando a cinematografia e a cinematografia nacionais".

ORLANDO SENNA

"A cinematografia baiana é coisa concreta. Como exemplo, fugindo à prolixidade, podemos citar alguns dos curta-metragens já realizados em Salvador. "Igreja" foi um dos primeiros que assistimos. Um trabalho de Sílvio Robatto, narrando as emoções de uma jovem em visita a um convento secular. Surge a excitação, motivada pelo barroco das imagens e do esculpido. Nota-se uma tendência de despreendimento do religiosismo para uma excitação no real. Termina com a adolescente correndo em busca das águas do Atlântico banhando a praia. É uma busca da liberdade ou da realidade. A seguir, vimos, de Glauber Rocha, "O Pátio". Muito discutido, causou choque. Roberto Pires, entre outros, dirigiu "Calcanhar de Aquiles", dando sequência ao movimento de cineastas "novos" que já se afigurava promissoriamente no cinema nacional. Walter Weeb fez tentativas para realizar-se como diretor. Filmou quase todas as cenas de "O Forte", já neste primeiro ano sessenta, mas desconhecemos o filme. Há menos de um mês, nos foi dado a conhecer "Bahia — imagens da terra e do povo", inspirado nas páginas de Odorico Tavares, dirigido por Orlando Senna. Um passeio pela cidade de raças que coexistem pacificamente. Faces barrocas. A câmara vivendo o ponto-de-vista do autor. E comunicando. A fotografia de Cláudio Reis, com a plasticidade do preto e branco. "Não muito após, surgiria este "Festival de Arraías" arrebatador".

LAZARO TORRES

a grande feira





barravento

"... Cheguei à conclusão de que, no plano imediato, o cinema brasileiro apenas comportava filmes baratos, cujo orçamento não ultrapassasse a casa dos dez milhões de cruzeiros. Isto porque, no momento, não contamos com o mercado externo, e só podemos nos basear no interno, se bem que produzindo filmes capazes de romper as barreiras internacionais. Além desse fator econômico, preocupou-me a temática. O cangaço era um caminho já aprovado. Pareceu-me, entretanto, que na Bahia estava a chave do problema. "Por isso, nossa primeira produção, "Barravento", partiu de uma combinação de elementos folclóricos (camdomblés, capoeiras, puxada de xaréu, etc.) com os problemas sociais de uma comunidade de pescadores pretos. Ao lado desse caminho, vislumbrei o dos filmes urbanos com problemas atuais, de uma realidade brasileira essencialmente regional, da Bahia, porque era o que conhecíamos bem e daí surgiram "A Grande Feira" e "Tocaia no Asfalto". A idéia geral desses filmes, incluindo "Rebelião Camponesa", que faremos a seguir, é a de um cinema polêmico e social, que discuta os problemas brasileiros e contribua para a sua solução. Este deve ser o compromisso do cinema brasileiro para com o povo".

REX SCHINDLER

"Na conjuntura salvadoriana a expressão "cinema baiano" é ampla e envolve, num só movimento, cultura, crítica e produção cinematográfica. Essa situação dá aos acontecimentos da Bahia uma singularidade que provoca o interesse, conquista a cumplicidade e acaba mergulhando o observador numa tensa esperança. No quadro geral do grande cinema brasileiro que certamente irá eclodir na década que vivemos, a participação baiana será eminente, e os estudiosos irão um dia pesquisar o seu nascimento".

PAULO EMÍLIO SALES GOMES

tocaia no asfalto



15

"Até o momento, o cinema baiano tem se caracterizado pela avidez que parece sentir pelo presente. A problemática do contemporâneo exige desse cinema ainda em bruto, sem lapidação, uma elasticidade de forma e de concepção que ultrapassa frequentemente as possibilidades dos seus autores. É Walter da Silveira, o maior exegeta e admirador do cinema baiano, que o qualifica, com razão, capaz de ser característico da nacionalidade, justamente por ser contemporâneo, por abarcar temas do cotidiano. Parece portanto contraditório afirmar que, numa certa medida, o cinema baiano caminhe para Canudos, para o passado, a tradição, o tema definitivamente escrito pela história. E aparentemente é mais ilógico ainda afirmar que o cinema baiano até agora feito por obra exclusiva de Rex Schindler, Roberto Pires e Glauber Rocha, seja a preparação psicológica necessária para a conquista do campo, e, com ele, de Canudos. Com "Grande Feira", "Barravento" e "Tocaia no Asfalto", o cinema baiano caminha para a epopéia e para a exaltação do herói delineado nos "Sertões". Já se demonstrou nas três fitas uma natural sensibilidade para com o homem do povo, não o homem comum, que nasce, vive e morre no anonimato e na miséria, mas para o invulgar e trágico cidadão do mito, herói fanático e terrível que morre de forma certa em defesa de uma idéia errada".

MAURICE CAPOVILLA

barravento



16

"Apesar do nome, herdado de algum avô gringo, Rex Schindler é puro baiano, tem o tipo do baiano, fala como o baiano, e, agora, em seu novo papel de produtor cinematográfico, age como baiano. Já produziu "Barravento" e "A Grande Feira", fez um filminho pessoal intitulado "Festival de Arraias", escreveu os argumentos de "A Grande Feira" e de sua próxima produção, "Tocaia no Asfalto", e, em todos os casos, a ação está restrita a sua querida Bahia de Todos os Santos.

"Mais tarde quando puder voar mais alto e mais longe, Rex Schindler sairá de Salvador, embrenhando-se pelo sertão com sua gente boa. Por enquanto, reunindo convicção e necessidade, vai ficando na velha e inspiradora cidade dos candomblês e das capoeiras que, atualmente, com suas produções e mais aquelas de gente vinda de fora — como Anselmo Duarte com seu "Pagador de Promessa"; como os franceses, com o "O Santo Místico" —, mais parece um vasto estúdio cinematográfico.

"Rex Schindler é moço e comanda uma equipe moça; seus diretores estão aquém dos trinta anos. Glauber Rocha, que escreveu e dirigiu "Barravento", ainda em fase de coordenação, é um dos mais inteligentes dos jovens críticos brasileiros; e Roberto Pires, que dirigiu "A Grande Feira", começou com outro filme baiano, o modesto mais curioso "Redenção".

"Barravento" é a história de uma aldeia de pescadores; "A Grande Feira", uma espécie de reportagens romantizadas em torno da proposta urbanização da fabulosa feira de Águas dos Meninos; "Tocaia no Asfalto", o drama do coronelato político.

"Para Schindler, que chegou à produção por amor ao cinema — adquirido em muitos anos de frequência cinematográfica e de cineclubismo —, os únicos limites são aqueles ditados pela prudência e pela determinação de construir gradativamente um sólido centro industrial. Em questão de idéias, não há limites.

"Ele próprio, cineasta nas horas vagas, dá o exemplo; "Festival de Arraias", com uma carinhosa ironia, lembrando René Clair, é a história de uma fôlha de papel que se transforma em papagaio; agora trabalha num outro filme irônico, tendo como tema a capoeira.

"Se tudo correr bem — e "A Grande Feira", visto pela crítica do Rio de Janeiro e já exibido na Bahia, é um excelente começo —, Schindler espera não só revelar outros cineastas baianos como atrair para a Bahia certos cineastas de outras plagas. Muito justamente, acha que não faltarão histórias, primeiro em Salvador, depois pelo sertão a dentro.

"Rex Schindler acredita numa nova espécie de cinema popular, um cinema de temas sérios e tratamento acessível às grandes massas. Para isso, precisa ter uma produção planejada e econômica.

"Seus propósitos têm sido plenamente compreendidos pela gente de cinema da Bahia — inclusive críticos e cineclubistas. Valter da Silveira, um dos mais respeitáveis críticos do Brasil, não só ajudou no setor da divulgação como fez um pequeno papel em "A Grande Feira", onde o presidente da associação de críticos de Salvador é figurante e onde um conhecido gravador aparece como baterista numa espelunca.

"A estrela dos dois primeiros filmes, produzidos por Schindler é, no entanto, uma gaúcha Luiza Maranhão, que lembra Sofia Loren em negativo. Mas alguns dos principais papéis foram dados a elementos locais, como Geraldo Del Rey, Milton Gaúcho, Antonio Sampaio e Zé Coló. Prova do acerto de Schindler e seus colaboradores está no fato de que esses artistas têm sido usados por outros produtores, os quatro citados por exemplo, estão em "Pagador de Promessas", onde o crítico Walter da Silveira faz um bispo.

"Se os cariocas e os paulistas não tomarem cuidado, Rex Schindler bem poderá desviar o eixo do cinema brasileiro para a Boa Terra do Senhor do Bonfim".

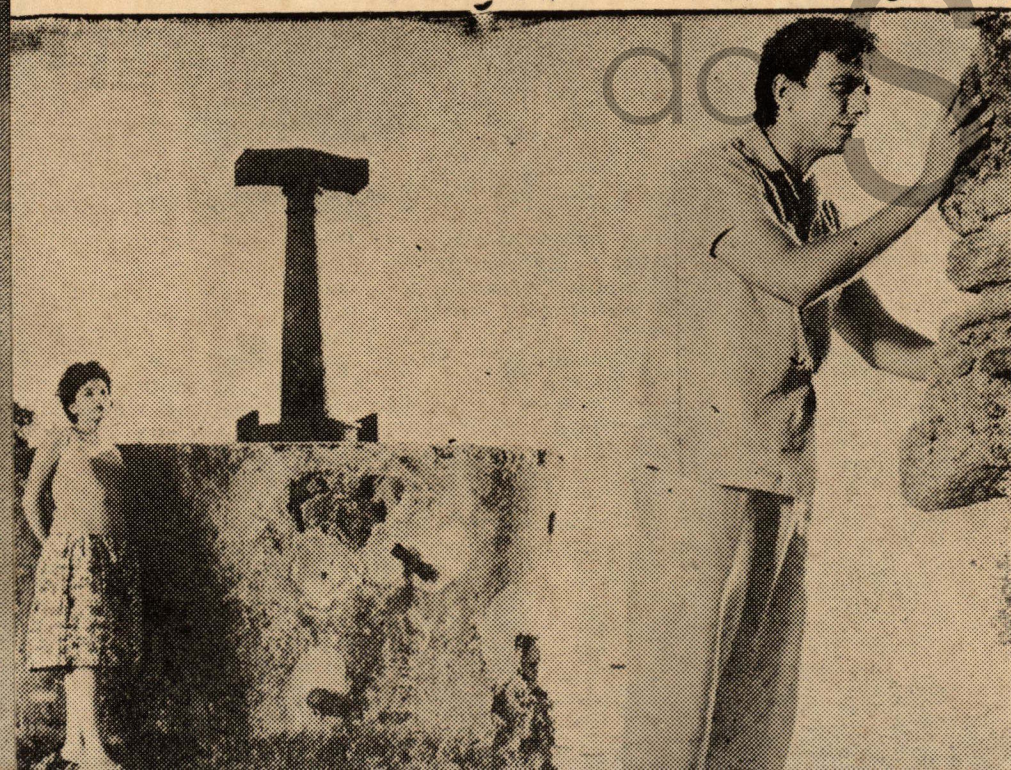
ALEX VIANY, in "O Jornal" de 7 de janeiro de 1962

"Esse momento cinematográfico que vivem os baianos se deve, em grande parte, às atividades do seu Clube de Cinema, inseparável da figura do seu fundador e dirigente há dez anos, Walter da Silveira. Advogado e intelectual, ele colocou o prestígio de que desfruta na comunidade onde vive a serviço de um prolongado e incansável esforço em favor da difusão do cinema como expressão cultural e como arte. "Os esforços de Walter da Silveira, entretanto, não são perdidos. Os jornais da Bahia são hoje os que dispõem dos críticos cinematográficos mais jovens e entusiastas do país. Numa revista literária como "Ângulos", as seções mais estimulantes e polémicas são as que se dedicam ao esforço da compreensão e da análise da conjuntura cinematográfica brasileira.

"Entretanto, o Clube de Cinema da Bahia não se limitou a conquistar para o cinema a elite intelectual do Estado ou a formar uma pleiade de jovens críticos. O atual movimento da produção cinematográfica está intimamente ligado às atividades do Clube. Não só os diretores, assistentes, roteiristas, atores e atrizes devem muito de sua formação à obra de Walter da Silveira, mas os próprios produtores são igualmente, e até certo ponto, um produto do Clube de Cinema".

P. E. SALES GOMES, in "Visão" de 16 de março de 1962

tocaia no asfalto



PEQUENA FILMOGRAFIA DO CINEMA BAIANO

1956:

UM DIA NA RAMPA — (Curta-metragem). Roteiro, direção e montagem de Luiz Paulino dos Santos; fotografia de Waldemar Lima; música baseada no folclore. Produção de E. R. Fonseca — Universidade da Bahia.
"A câmara guia-se sempre pelos fotos cinematográficos, que são, esclarece Luiz Paulino, os motivos autênticos da vida do povo. O autor não tinha especialmente intenção de afastar o pitoresco; este se afastou por si mesmo".

IGREJA — (Curta-metragem). Argumento, roteiro e direção de Sílvio Robatto; montagem de Alexandre Robatto Filho; música atonal de Nicolau Kokron.
"A intenção de "Igreja", segundo as próprias palavras do autor, é mostrar detalhes da talha barroca da decoração das igrejas de Salvador identificando a temática das esculturas como os problemas de adolescência de uma jovem.

O PATIO — (Curta-metragem). Argumento, roteiro, direção e montagem de Glauber Rocha.

Filme experimental procurando quebrar convencionalismos adotados sobretudo no tratamento cinematográfico. No dizer de G. R. foi uma tentativa ousada na época, mas logo fracassou.

1958:

REDEÇÃO — Direção de Roberto Pires; argumento e roteiro de Roberto Pires e Oscar Santana; fotografia de Helio Silva.

Intérpretes: Geraldo del Rey, Braga Neto, Eloise Cardoso, Fred Júnior, Nilton Gaucho, Maria Caldas. Produção da "Eglú Filmes, Salvador.

"Redenção", cujo argumento era péssimo, apesar de sua excelente qualidade técnica, bateu no mercado estadual (capital e interior) todos os records de bilheteria, que compensou setenta por cento a inversão de capital. E com todos seus defeitos, foi defendido com unhas e dentes".

1961/2:

BARRAVENTO — Direção de Glauber Rocha; argumento de Luiz Paulino dos Santos; fotografia de Tony Rabatoni; música de samba de roda e capoeira de Washington Bruno da Silva (Canjiquinha).

Intérpretes: Luiza Maranhão, Aldo Teixeira, Antônio Luiz Sampaio e Lucy Carvalho. Produção da "Iglú Filmes" e Rex Schindler, Salvador.

Película inspirada numa história de pescadores, mas prodigiosamente criada através do folclore baiano, como samba de roda, capoeira, candomblés e pesca de xaréu. "É um filme tão simples e tão apaixonado que poderá despertar o amor de muitos. Se isto acontecer — afirma Glauber Rocha —, estarei feliz, não por mim, mas pelos miseráveis puxadores de rede".

FESTIVAL DE ARRAIAS — (Curta-metragem). Argumento, roteiro e direção de Rex Schindler; fotografia em cores de Waldemar Lima; montagem de Claude Perrin; música baseada no folclore.

Produção de Rex Schindler, Salvador.

"Rex dá seguimento ao que já poderíamos chamar de "tradição da curta-metragem" na Bahia: desde Robato Filho, passando por Glauber Rocha, Luiz Paulino, Sílvio Robatto, Hélio Silva, até Rex e os planos de uma turma nova que está surgindo aos poucos".

Acervo Digital

igreja

A GRANDE FEIRA — Direção de Roberto Pires; argumento de Rex Schindler; roteiro de Rex Schindler e Roberto Pires; fotografia de Helio Silva e Waldemar Lima; montagem de Glauber Rocha; música de Remo Usai.
 Intérpretes: Geraldo del Rey, Luiza Maranhão, Helena Ignes, Antonio Luiz Sampaio, Nilton Gaúcho, David Singer, Roberto Ferreira, Nilton Paz, Walter da Silveira, Clélia Mattos, Lígia Ferreira.
 Produção de Rex Schindler e Braga Neto, Salvador.
 "Talvez não haja um futuro para o cinema baiano.
 Talvez se repita a frustração do cinema paulista de dez anos atrás, embora com características diversas. Presentemente, porém, o cinema baiano, desde "A Grande Feira", é o próprio cinema nacional".

TOCAIA NO ASFALTO. — Direção e roteiro de Roberto Pires; argumento de Rex Schindler; fotografia de Helio Silva; música de Remo Usai.
 Intérpretes: Agildo Ribeiro, Arassary de Oliveira, Geraldo del Rey, Angela Bonatti, Adriano Lisboa, Milton Gaúcho, Maria Anita, Walter Webb, Jurema Penna, Antonio Sampaio, Roberto Ferreira, Clelia Mattos, Maria Lígia, Milton Roda, Silvio Lamenha, Sonia Noronha, Cleo Meireles, Mecenas Marcos, Leonor de Barros, Girolano Brino, Orlando Senna.
 Produção de Rex Schindler e David Singer, Salvador.
 "Barravento", "A Grande Feira" e, agora, "Tocaia no Asfalto", malgrado todas as vacilações e mesmo deficiências que conglobam, são contribuições inegáveis à pré-história de uma dramaturgia brasileira de cinema, exatamente porque, combinando a infenuidade dos primeiros passos com a perplexidade da descoberta, reproduzem a lição de errar como um ímpeto histórico".

LIRIGUIDUM. — (Curta-metragem). Argumento e direção de Rex Schindler.
 Produção Polígono Filmes, Salvador.

FILMES EM PREPARAÇÃO:

LUCAS DE FEIRA, arg. de Olney São Paulo.
 JARDIM DAS PIRANHAS, arg. de Glauber Rocha.
 ALAGADOS, arg. de Orlando Senna.
 BAIA DE FOGO, arg. de Vasconcelos Maia.
 DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL, de Rex Schindler.



Acervo Digital

do", ensaio-crítico de Walter da Silveira, in
e Notícias, edições de 11 e 12/1961. Salvador;
arú Vermelho: O Cinema descobre a Bahia",
ra, Rio de Janeiro, 1960;
o Senna, in Angulos, n.o 17. Salvador;
o Tôrres, in volume A Grande Feira, edição
matográficos da Bahia, Salvador;
Viany, in Senhor, maio de 1962, Rio de Janeiro;
aude Bernardet, in Suplemento Literário de
7 de março de 1962. São Paulo;
aurice Capovilla, in Suplemento Literário de
22 de dezembro de 1962, São Paulo;
Quase por "Hobby", artigo de Alex Viany,
de 1963, Rio de Janeiro;

- 21

apresentam

TOCAIA

em NO ASFALTO

UN FILME DI ROBERTO PIRELLA

Agildo Ribeiro

Arassary de Oliveira

Adriano Lisboa

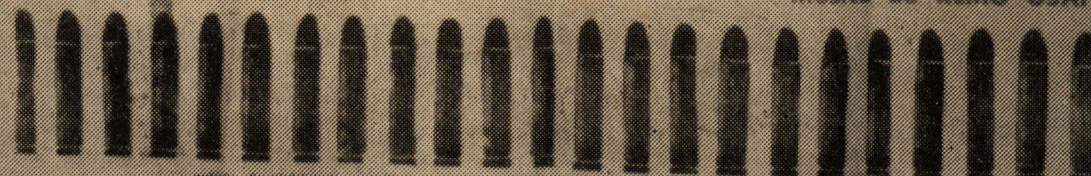
Angela Bonatti

Geraldo d'El-Rey

David Singer

fotografia de HELIO SILVA

musica de RENO USA!



relatos de gestos, posturas e palavras, logo se aproximando do período em que se

FILMES CEDIDOS POR ESPECIAL COOPERAÇÃO:

Produtores Rex Schindler & David Singer
Cinedistri Ltda.

Acervo Digital

Walter
da Silveira

ILUSTRAÇÕES:

Capa: Reprodução parcial de um cartaz de Calasans Neto
para "Tocaia no Asfalto".

Fotos: ARQUIVOS DA CINEMATECA BRASILEIRA

COORDENAÇÃO:

Textos e arranjo gráfico: CARLOS VIEIRA

EDIÇÃO:

CLUBE DE CINEMA DE SANTOS, fevereiro de 1963.

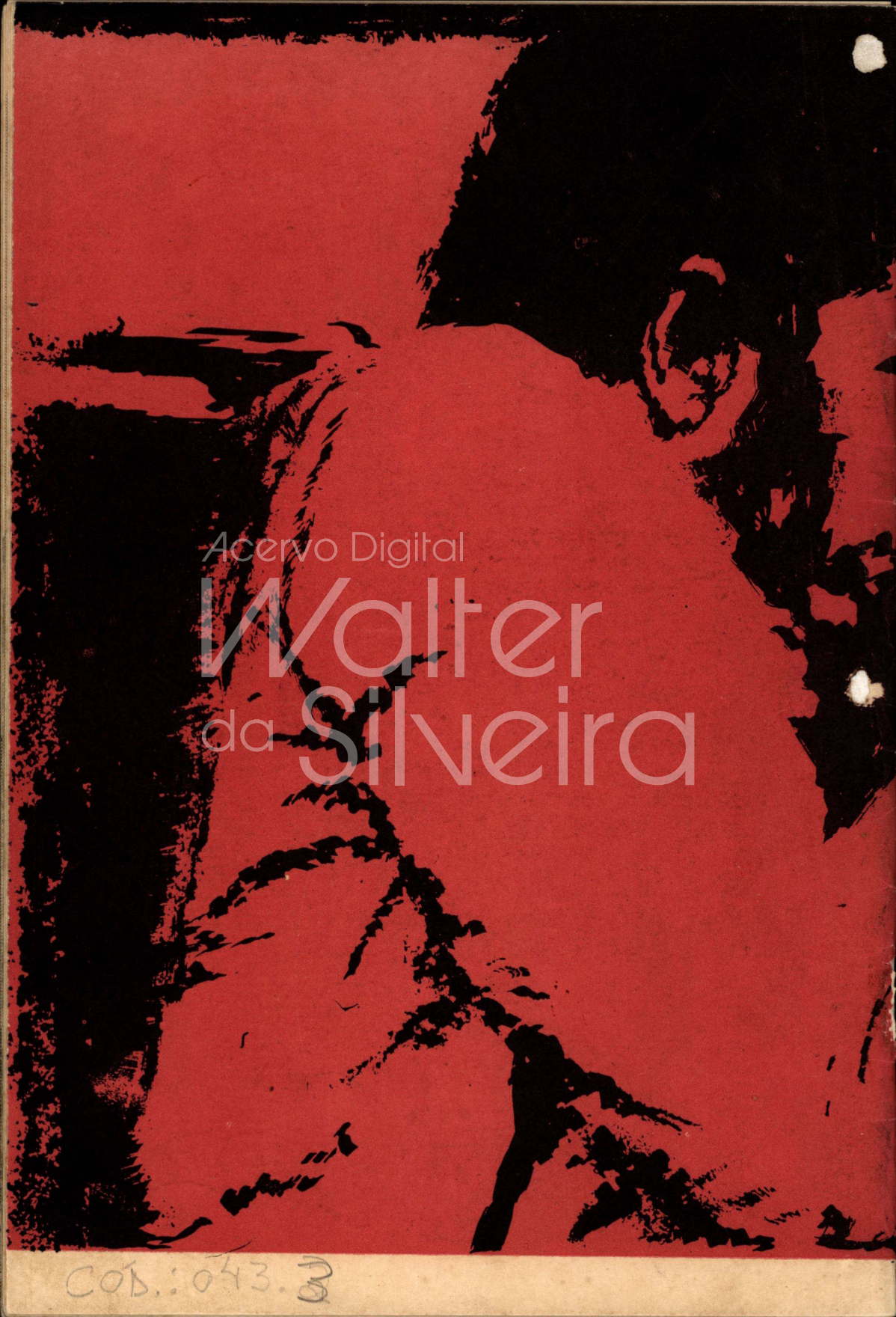
Fundado há mais de dez anos, o Clube de Cinema de Santos integra-se na vida cultural e artística da cidade famosa por suas praias, seu pôrto, suas tradições tão ligadas aos primeiros tempos do Brasil.

Atividades numerosíssimas foram promovidas, desde a habitual programação de exibição de filmes até retrospectivas, ciclos, exposições, conferências e cursos.

Participando em conclave nacionais e nos movimentos de teatro e artes plásticas de São Paulo, o CCS tem oferecido o melhor da sua contribuição.

Saliente-se a colaboração sempre prestada pela Prefeitura através da Comissão Municipal de Cultura e da Fundação Cinemateca Brasileira.

É membro fundador do Centro dos Cine-Clubes.



Acervo Digital

Walter
da Silveira

COB.: 043.3